

CENOGRAFIA E *ETHOS* NOS DISCURSOS DE UM PRESIDENTE: O SUJEITO POLÍTICO JAIR BOLSONARO

SCENOGRAPHY AND *ETHOS* IN THE SPEECHES OF A PRESIDENT: THE POLITICAL FIGURE JAIR BOLSONARO

Miquele Piaia¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da cenografia e *ethos* de dois pronunciamentos do atual presidente do Brasil, Sr. Jair Messias Bolsonaro. O primeiro discurso ocorreu durante entrevista concedida a jornalistas, no dia 15 de maio de 2019, no qual fala sobre as manifestações, que estavam acontecendo neste dia em várias cidades brasileiras, feitas por estudantes que protestavam contra o corte de investimentos para a educação pública do país. O segundo aborda a mesma temática e ocorreu no dia 29 de maio de 2019, em entrevista concedida ao canal TV Record. O objetivo geral é realizar e descrever um exame do *ethos* discursivo, da cenografia constituída nos discursos políticos escolhidos para análise, sob a luz dos estudos da semântica global, cenografia e *ethos* de Dominique Maingueneau (2008a, 2018), e do discurso político de Patrick Charaudeau (2018). A metodologia utilizada é descritiva e bibliográfica, e utiliza os conceitos teóricos para análise do *corpus*. Evidenciou-se que, mediante o estudo da cenografia construída no contexto de produção dos discursos, é possível realizar a caracterização do *ethos* discursivo do enunciador, a partir das posições assumidas por ele no cenário político analisado.

Palavras-chave: Cenografia; *ethos*; discurso político.

ABSTRACT: This paper presents an analysis of the set design and *ethos* of two pronouncements by current Brazilian President Mr. Jair Messias Bolsonaro. The first speech took place during an interview with journalists on May 15th, 2019, when he talks about the protests that were taking place in several Brazilian cities, organized by students protesting against the cutback in investments in public education in the country. The second took place on May 29th, 2019, in an interview on Record TV channel, and addresses the same theme. The general goal was to conduct and describe a close examination the discursive *ethos*, the scenography constituted in the political discourses chosen for analysis, by the light of the studies of global semantics, scenography and *ethos* by Dominique Maingueneau (2008a, 2018), and the political discourse of Patrick Charaudeau (2018). The methodology used is descriptive and bibliographic, using the theoretical concepts for *corpus* analysis. It was evidenced that, through the study of the scenography built in the context of discourse production, it is possible to characterize the discursive *ethos* of the enunciator from the positions assumed by him in the political scenario examined.

¹ Doutora em Linguística Aplicada. Professora no Instituto Federal Farroupilha Campus Santo Augusto.

Keywords: Scenography; *ethos*; political speech.

1 Introdução

Vivenciamos um momento da história do nosso país no qual o discurso político ganha destaque diário nas mídias sociais e canais de comunicação nacionais e internacionais. O grande número de produções discursivas polêmicas enunciadas pelo atual Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, e sua equipe de governo, provocam discussões acirradas entre defensores e opositores.

O tema desse trabalho é a análise do discurso político, englobando a cenografia constituída e a caracterização do *ethos* em dois discursos políticos proferidos pelo atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro. Os dois discursos abordam a temática sobre educação pública, corte de investimentos nessa área e o protesto realizado por estudantes e servidores públicos contra a suspensão de repasses orçamentários para os institutos e universidades federais.

Todo o ato de linguagem é composto por um sujeito que enuncia e de outro que recebe e interpreta o que foi dito, onde a identidade desses sujeitos é construída através da imagem produzida pelo discurso. O discurso político é um lugar, como afirma Charaudeau (2018), repleto de máscaras, em um jogo de estratégias e uso de meios discursivos que podem persuadir e seduzir os interlocutores. Essa pesquisa justifica-se, na medida em que mostra que o campo político é um espaço de persuasão, no qual se validam cenografias e se constituem *ethos* discursivos. O discurso é representação, produção de identidades, construção de sentidos que precisam ser identificados e discutidos, especialmente no discurso político, onde as palavras e estratégias discursivas utilizadas enunciadador têm muito a revelar.

Nosso problema de pesquisa é: como o *ethos* discursivo se revela através do posicionamento do locutor dos discursos? Para responder esse questionamento procuramos realizar e descrever um exame do *ethos* discursivo, da cenografia constituída nos discursos políticos escolhidos para análise, sob a luz dos estudos da semântica global, cenografia e *ethos* de Dominique Maingueneau (2008a, 2018), e do discurso político de Patrick Charaudeau (2018).

Os procedimentos metodológicos utilizados partem da pesquisa bibliográfica e descritiva com abordagem qualitativa, pois, a partir dos conceitos teóricos, analisa-se o *corpus*. Os discursos selecionados para análise são trechos de duas entrevistas: o primeiro discurso ocorreu durante entrevista concedida pelo Presidente a jornalistas, na cidade de Dallas, Estados Unidos, no dia 15 de maio de 2019, no qual fala sobre as manifestações que estavam acontecendo, neste dia, em várias cidades do país, contra o corte de investimentos para a educação pública brasileira. O segundo aborda a mesma temática e ocorreu no dia 29 de maio de 2019, em entrevista concedida ao programa Domingo Espetacular, da rede de TV Record.

As seções que compõem esse artigo estão assim estruturadas: fundamentação teórica, com base nos preceitos teóricos da Análise do Discurso, no que concerne ao estudo da Semântica Global de Dominique Maingueneau (2008a, 2018), com ênfase na construção da cenografia e *ethos*, e o *ethos* como estratégia do discurso político de Patrick Charaudeau (2018).

Destacamos alguns conceitos importantes que caracterizam os planos constitutivos do discurso: intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto de enunciador e de coenunciador, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão, com ênfase na construção da cenografia e *ethos* discursivo de cunho político; metodologia de pesquisa; análise do *corpus* relacionando teoria, contexto e discurso; e considerações finais.

2 Uma semântica global

Em sua teoria chamada “Semântica Global”, Maingueneau (2008a, p. 77) apresenta uma metodologia na qual todos os planos discursivos são integrados, no que se refere ao enunciado e a enunciação. São eles:

a) A intertextualidade: são “tipos de relações intertextuais que a competência discursiva define como legítimas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 77). A intertextualidade pode ser: intertextualidade interna - trabalho da memória discursiva no interior de um dado campo; e intertextualidade externa - o discurso define certa relação com outros campos passíveis, ou não, de serem citados.

b) O vocabulário: cada discurso não se constitui por um léxico próprio. Cada discurso é uma enunciação. A palavra sozinha não constitui uma unidade de análise do discurso apropriada. Por outro lado, “as análises lexicográficas elaboradas a partir do discurso mostraram claramente o interesse que a construção de redes fundadas na consideração das dimensões paradigmáticas e sintagmáticas e em uma combinação do aspecto quantitativo com o aspecto qualitativo apresenta” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 80). Dentro de um discurso as palavras são utilizadas em razão do seu sentido valorativo. Além disso, “[...] além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo” (MAINGUENEAU 2008a, p. 81, grifo do autor).

c) Os temas: Maingueneau (2008a, p. 81) define tema como aquilo que o discurso trata. Ressalta que não há hierarquia temática, pois o conjunto da temática se desdobra a partir do discurso. O importante não é o tema, mas seu tratamento semântico. Devido à complexidade do estatuto de um tema, Maingueneau propõe quatro proposições dentro do espaço discursivo: (1) em um discurso todos os temas são integrados semanticamente, estando todos conforme o seu sistema de coerções; (2) os temas se dividem em temas impostos e temas específicos; os temas impostos se dividem em temas compatíveis (que convergem semanticamente com o sistema de restrições) e os temas incompatíveis (integrados em virtude da proposição, mas não convergem com o sistema de restrições).

d) O estatuto do enunciador e do destinatário: Maingueneau (2008a, p. 87) destaca que “os diversos modos da subjetividade discursiva dependem igualmente da competência discursiva, sendo que cada discurso define o estatuto que o enunciador deve se atribuir a seu destinatário para legitimar seu dizer”. Dentro do processo discursivo, há duas dimensões, uma *institucional*, na qual enunciador e destinatário estão inscritos/integrados em “ordens” socialmente bem caracterizadas; e outra *intertextual*, que tem relação com outros textos, com diversas fontes de saber.

e) A dêixis enunciativa: de acordo com suas restrições semânticas, cada discurso constrói uma dêixis enunciativa espaciotemporal. Não se trata de datas e locais nos quais os

enunciados foram produzidos, mas sim do estatuto discursivo dos enunciadores. “Essa dêixis, em sua dupla modalidade espacial e temporal, defini de fato uma instância de enunciação legítima, delimita a *cena* e a *cronologia* que o discurso constrói para autorizar sua própria enunciação” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 89, grifo do autor).

f) O modo de enunciação: além de ser composto pela dêixis e o estatuto do enunciador e do destinatário, o discurso também composto pela maneira de dizer, chamada de modo de enunciação. “[...] o discurso produz um espaço onde se desdobra uma “voz” que lhe é própria. Não se trata de fazer um texto mudo falar, mas de circunscrever as particularidades da voz que sua semântica impõe” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91). A noção de “tom” relaciona o enunciador a uma origem discursiva, e o coenunciador elabora uma representação do enunciador. Ou seja, o tom que dá destaque, relevo, valorização de palavra ou expressão, resulta em um fiador. “O próprio ‘tom’ se apoia sobre uma dupla figura do enunciador, a de um *caráter* e a de uma *corporalidade*, estreitamente associadas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 92) e, sobre caráter, Maingueneau (2008a, p. 92) ressalta que “é inseparável de uma ‘corporalidade’, isto é, de esquemas que definem uma maneira de ‘habitar’ seu corpo de enunciador e, indiretamente, de enunciatário”. E introduz a noção de *incorporação*, que engaja o discurso ao seu modo de enunciação: (i) o discurso, através do corpo textual, dá corpo ao enunciador; (ii) esse fenômeno resulta a “incorporação” pelos sujeitos que habitam o mundo e relacionam-se uns com os outros de uma forma concreta, socialmente caracterizável; (iii) essas incorporações interiores asseguram a “incorporação imaginária” daqueles que aderem ao discurso. Conforme essa perspectiva, “o destinatário não é somente um consumidor de ‘ideias’. Ele acede a uma ‘maneira de ser’ através de uma ‘maneira de dizer’” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 94).

g) O modo de coesão: refere-se às articulações entre os discursos, à interdiscursividade, ao modo pelo qual o discurso constrói suas remissões internas. Maingueneau (2008a, p. 96) destaca dois fenômenos dentro desse domínio: o *recorte discursivo*, o qual atravessa divisões em gêneros constituídos e são pertinentes quando relacionados ao sistema que lhe atribuiu sentido; e os *encadeamentos* do discurso, que são seu modo próprio “de construir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro[...]. Todas essas junturas de unidades pequenas ou grandes não poderiam escapar à carga da semântica global” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 96).

Todos os elementos que compõe a semântica global, com suas características e singularidades, constroem o contexto da enunciação.

3 Cenografia e *Ethos*

A noção de *ethos* trazida por Maingueneau (2018) discorre sobre a posição dos sujeitos dentro da esfera discursiva. O *ethos* constitui-se de uma voz e um corpo enunciante, inscrito historicamente em uma situação, pressuposto e validado na enunciação. Como o *ethos* está ligado ao ato de enunciação, é importante destacar que “o público constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale”. (MAINGUENEAU, 2018, p. 71). O pesquisador francês faz a distinção entre *ethos* discursivo e *ethos* prévio: o coenunciador pode já dispor de representações prévias do *ethos* do enunciador, no caso de uma figura pública, por exemplo, ou apenas ter expectativas em matéria de *ethos*, decorrentes de vestígios de posicionamentos ideológicos ou pertencimento a um gênero do discurso.

Na visão de *ethos* proposta por Maingueneau (2018, p. 73), todos os discursos, orais ou escritos, possuem um vocalidade própria, um “tom” que permite relacionar o discurso a uma fonte enunciativa. A maneira pela qual o coenunciador se relaciona ao *ethos* discursivo, chamada de incorporação, pode atuar em três formas interligadas: i) A enunciação do texto dá corpo ao fiador; ii) O coenunciador incorpora, em seu próprio corpo, um conjunto de esquemas que propiciem uma forma singular de relacionar-se com o mundo; iii) a junção dessas duas incorporações constitui uma comunidade imaginária discursivamente integrada.

Na perspectiva da análise do discurso, o *ethos*:

[...] é parte constitutiva da cena da enunciação, com o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência. O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente (MAINGUENEAU, 2018, p. 75).

Maingueneau (2018, p. 75) traz três tipos de cenas como integrantes da cena de enunciação:

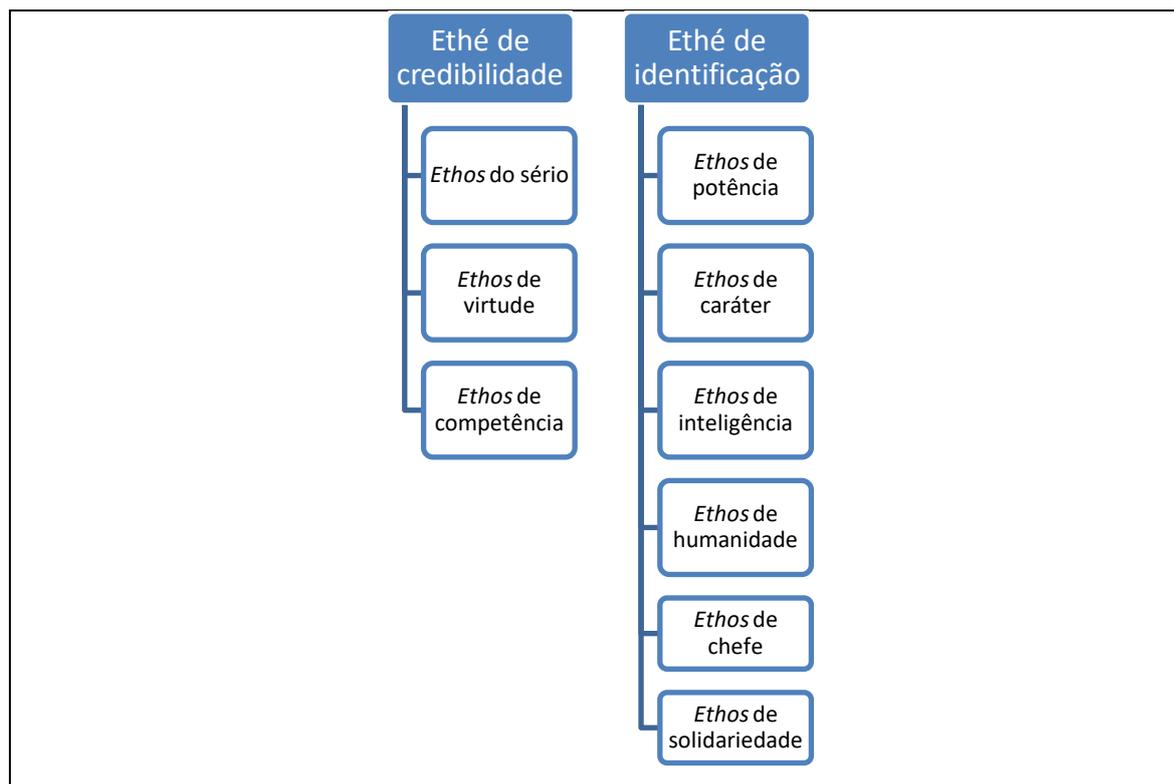
- a) Cena englobante: corresponde ao tipo de discurso, lhe dá o seu estatuto pragmático;
- b) Cena genérica: contrato associado a um gênero, instituição discursiva;
- c) Cenografia: não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto.

A enunciação existe no interdiscurso, onde se legitima e se inscreve de forma específica. Na cenografia, “[...] a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge” (MAINGUENEAU, 2018, p. 77). A cenografia engloba o discurso que vem e é criado, legitima e é legitimada pelo enunciado. “São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio *ethos*, pelos quais esses conteúdos surgem” (MAINGUENEAU, 2018, pp. 77-78).

4 O *ethos* no discurso político

Com relação ao *ethos* político, que especialmente nos interessa para a análise discursiva do *corpus*, Patrick Charaudeau (2018) afirma que as figuras identitárias do discurso político agrupam o *ethos* em duas categorias: o *ethos* da credibilidade, baseado no discurso da razão, e o *ethos* de identificação, fundado em um discurso de afeto.

Figura 1 – Figuras identitárias do discurso político.



Fonte: elaborada pela pesquisadora.

O *ethé* de credibilidade é “o resultado da construção de uma identidade discursiva pelo sujeito falante, realizada de tal modo que os outros sejam conduzidos a julgá-los *digno de crédito*” (CHARAUDEAU, 2018, p. 119). Para que seja digno de crédito, precisa mostrar que aquilo que ele fala condiz com o que ele pensa, que pode pôr em prática o que promete, e o que ele anuncia e aplica é eficaz. Como podemos ver na figura 1, o *ethé* de credibilidade é composto por três *ethos*:

a) *Ethos* de “sério”: esse *ethos* depende daquilo que determinados grupos sociais julgam como ser, ou não, sério. Ele se constrói por representações corporais, de postura e comportamento e, também, pelo o que fala e como fala (tom firme, elocução serena e clara). A imagem de sério pode ser vista como negativa se o enunciador parecer frio e pretensioso.

b) *Ethos* de “virtude”: o político, por ser o representante do povo que o elege, deveria dar o exemplo. Esse *ethos* exige do político atitudes sinceras e fiéis, acrescidas de uma imagem de pessoa honesta e leal.

c) *Ethos* de “competência”: esse *ethos* une saber e habilidade. O político deve ter domínio da atividade que exerce e provar que tem as capacidades (poder e experiência) necessárias obter resultados positivos, alcançando seus objetivos.

Dentro do cenário político, constantemente a credibilidade dos autores é questionada, ou por inconsistências entre o dito e o feito, ou por inquirições feitas por adversários. “O político é, então, levado a produzir um discurso de justificação de seus atos ou a emitir declarações para se inocentar das críticas ou das acusações que lhe são dirigidas” (CHARAUDEAU, 2018, p. 126). O político que quer preservar a sua imagem pode utilizar três tipos de estratégias: i) *negação*: não há o que justificar, pois nega-se a acusação, declarando-a inexistente ou improcedente; ii) *uma razão superior*: justifica-se a denúncia explicando os motivos

pelos quais o ato foi realizado; iii) *a não intencionalidade*: o autor tenta mostrar que seu ato não foi desejado, e pode justificar alegando inocência, ignorância, pelas circunstâncias ou responsabilidade coletiva.

Sobre o *ethos* de credibilidade, Charaudeau (2018, p. 137) conclui que ele “se constrói em uma interação entre identidade social e identidade discursiva, entre o que o sujeito quer parecer e o que ele é em seu ser psicológico e social”.

Quanto aos *ethé* de identificação no discurso político, as imagens que os compõem são voltadas para si mesmas (traços pessoais de caráter, corporalidade, comportamento e declarações verbais), para o cidadão (suas expectativas) e para os valores de referência (positivos ou negativos). Essas imagens “são extraídas do afeto social: o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político” (CHARAUDEAU, 2018, p. 137). Passamos, agora, aos *ethé* de identificação, que caracterizam os políticos enquanto pessoas:

a) *Ethos* de “potência”: visto como vigor e energia, pessoa de atitudes fortes, ativa, determinada na fala e na ação;

b) *Ethos* de “caráter”: refere-se à força oriunda do espírito. Alguém pode ter caráter por meio de diversas figuras: vituperação (que pode ser encontrada em políticos ditos de personalidade forte), provocação, polêmica, advertência, força tranquila (controle de si), coragem, orgulho, firmeza e moderação;

c) *Ethos* da “inteligência”: esse *ethos* é capaz de gerar a admiração e o respeito por aquele que evidencia tê-lo. A inteligência é um imaginário coletivo e representa a forma que determinado grupo social a concebe e valoriza. Em se tratando do político, além da forma como ele fala e age, a inteligência é também percebida em como ele conduz a sua vida privada.

d) *Ethos* da “humanidade”: além de demonstrar compaixão e sentimentos, o ser humano também deve ser capaz de mostrar suas fraquezas. No cenário político, é preciso saber dosar os sentimentos e usá-los adequadamente nas mais diversas ocasiões. Várias figuras podem compor o *ethos* da humanidade, tais como sentimento, confissão, gostos, intimidade.

e) *Ethos* de “chefe”: esse *ethos* requerer propriedades que evidenciam a relação de dependência entre instância política e instância cidadã. As figuras de guia supremo, guia-pastor, guia-profeta, chefe-soberano, comandante, são manifestações desse *ethos*.

f) *Ethos* de “solidariedade”: “[...] faz do político um ser que não somente está atento às necessidades dos outros, mas que as partilha e se torna responsável por elas”. (CHARAUDEAU, 2018, p. 163). Ser solidário, para o político, é compartilhar e defender as opiniões e decisões dos membros do grupo.

O *ethos* é identificado pelo interlocutor ou pelo público, através dos meios discursivos empregados pelo sujeito que fala.

5 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa apoiou-se em fontes bibliográficas e conceitos descritivos, tendo como *corpus* dois pronunciamentos do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. O primeiro pronunciamento aconteceu na manhã o dia 15 de maio de 2019, em Dallas, Estados Unidos. Em entrevista coletiva concedida em frente ao hotel onde ficou hospedado, o presidente foi

indagado pelos jornalistas ali presentes, sobre os protestos que estavam acontecendo naquele momento nas ruas do Brasil, contra o corte de 30% dos recursos orçamentários destinados à educação. O segundo discurso escolhido para análise, é o recorte de uma entrevista que aconteceu na cidade de Brasília, ao programa Domingo Espetacular, da rede de TV Record, no dia 29 de maio de 2019. Os dois pronunciamentos têm como temática principal os protestos contra o sucateamento da educação pública no Brasil, que atinge diretamente cidadãos de diversas faixas etárias e diferentes níveis sociais e ideológicos.

Para proceder à análise do *corpus*, aplicando os conceitos elencados no referencial teórico, utilizaremos os procedimentos metodológicos descritos a seguir:

- a) iniciaremos com um breve histórico dos acontecimentos relacionados à educação brasileira ocorridos nos primeiros quatro meses de 2019, para assim compor o cenário histórico-social atual e contextualizar a temática do *corpus*;
- b) posteriormente, apresentaremos o *corpus* para leitura;
- c) na sequência, reconheceremos os planos constitutivos do discurso: intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto de enunciador e de coenunciador, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão presentes no *corpus* dessa pesquisa;
- d) a partir das categorias da semântica global analisaremos a cenografia validada e o *ethos* discursivo do enunciador;
- e) em último momento, verificaremos o *ethos* político do enunciador dos discursos selecionados, a partir de sua posição discursiva.

O roteiro teórico-metodológico busca realizar e descrever o exame do *ethos* discursivo, da cenografia constituída nos discursos políticos escolhidos.

Na próxima seção, faremos a análise do *corpus* conforme os procedimentos metodológicos já descritos.

6 Análise dos discursos

Charaudeau (2013, p. 36) ressalta que “[...] a informação é pura enunciação. Ela constrói saber e, como todo saber, depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos que o circunscreve, da situação de enunciação na qual se insere e do dispositivo no qual é posta em funcionamento”. Como o *corpus* analisado não pode ser visto fora de seu contexto, e sabendo que todo enunciado mantém relações com os enunciados produzidos anteriormente, é importante que vejamos o cenário enunciativo que circunda os pronunciamentos presidenciais analisados. Considerando, também, que análise do discurso “tem por natureza uma força crítica [...] pelo simples fato de que não autonomiza os textos, de que os relaciona a práticas sociais e a interesses situados”. (MAINGUENEAU, 2010, pp. 64-65), para situar o contexto onde o *corpus* selecionado para análise está inserido, faremos um breve histórico dos acontecimentos relacionados ao tema *educação*, dentro do cenário político nacional, durante os meses do ano de 2019, que precederam as declarações do Presidente da República.

Em 10 janeiro de 2019, o Ministério da Educação (MEC) publica edital de compra de livros que suprime o compromisso com minorias e permite obras sem referenciais teóricos. No dia 30 do mesmo mês, o ministro da Educação Ricardo Vélez, em entrevista ao jornal Valor

Econômico, diz que as universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual.

No dia 15 de fevereiro, o governo assina protocolo de intenções para investigar possíveis casos de corrupção no MEC. No dia 25 de fevereiro, o MEC envia e-mail para as escolas, solicitando que os alunos cantem o hino nacional, pedindo ainda que os eventos sejam gravados e que seja lida para os estudantes uma carta com *slogans* do governo.

Em 13 de março, um decreto presidencial corta 13,7 mil cargos em universidades. E no dia 20, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) cria comissão para avaliar as questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). No dia 18 de abril, o governo suspende bolsas de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, no dia 30, corta dois bilhões do orçamento das universidades públicas e institutos federais. O ministro da Educação afirma que o critério para o bloqueio dos recursos é a existência de “balbúrdia” dentro das instituições acadêmicas.

No dia 08 de maio a CAPES suspende a concessão de 3.474 bolsas de pesquisa. No dia 14, decreto presidencial tira a autonomia dos reitores na nomeação de cargos em comissão e funções de confiança nas universidades.

No 15 de maio de 2019 aconteceu a primeira grande manifestação nacional contra as medidas da gestão Bolsonaro no Ministério da Educação. Milhares de estudantes, professores e cidadãos comuns foram às ruas contestar o corte orçamentário de aproximadamente 30%, destinado ao pagamento de custeio de atividades essenciais para o funcionamento das instituições, tais como: conta de água, luz, material de higiene, pagamento de terceirizados e a realização de pesquisas.

Figura 2 - Manifestações do dia 15 de maio de 2019 na cidade de Belém, Pará.



Fonte: <http://dagobah.com.br/para-entender-o-que-aconteceu-no-dia-15-de-maio-de-2019-no-brasil-nao-foi-mortadela/>.

Neste mesmo dia, pela manhã, o presidente Jair Bolsonaro estava na cidade de Dallas, Estados Unidos, cumprindo uma agenda improvisada e organizada às pressas pelo governo, depois de o presidente desistir de ir à cidade de Nova York, após receber duras críticas do próprio prefeito da cidade, Bill De Blasio. Em Nova York, Bolsonaro participaria do prêmio de “personalidade do ano”, concedido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos.

Em entrevista coletiva, concedida em frente ao hotel que ficou hospedado, o presidente foi indagado, pelos jornalistas ali presentes, sobre os protestos que estavam acontecendo naquele momento nas ruas do Brasil:

Figura 3 - Presidente Jair Bolsonaro concedendo entrevista a jornalistas no dia 15 de maio de 2019, na cidade de Dallas, EUA.



Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/05/bolsonaro-diz-que-manifestantes-contra-cortes-na-educacao-sao-idiotas-uteis-cjyvg4u7d04gl01magvadsick.html>

A resposta do presidente compõe o *corpus* de análise deste trabalho e o chamaremos de discurso 1:

[...] É natural [*que haja protesto*], mas a maioria ali é militante. Se você perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada. São uns idiotas úteis, uns imbecis que estão sendo usados como massa de manobra de uma minoria espertalhona que compõe o núcleo das universidades federais no Brasil [...].

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/05/bolsonaro-diz-que-manifestantes-contra-cortes-na-educacao-sao-idiotas-uteis-e-massa-de-manobra.shtml>

Essa declaração política do Presidente da República, carregada de tom pejorativo e agressivo, tem enorme relevância social no momento em que ocorre. A repercussão foi tão grande que resultou em uma retratação pouco convincente, que ocorreu em uma entrevista concedida à Record, no dia 26 de maio. Lembramos que discurso dito já está posto socialmente

para ser interpretado.

Essa entrevista é o segundo discurso que integra o *corpus* de análise, na qual disse o Presidente (discurso 2):

[...] Eu exagerei, concordo, exagerei. O certo são inocentes úteis. São garotos inocentes, nem sabiam o que estavam fazendo lá. Na teoria, usa-se a inocência das pessoas para atingir o objetivo. Uma vez atingido, as primeiras vítimas são exatamente essas pessoas. Então a garotada foi na rua contra corte na educação. Não houve corte, houve contingenciamento. Eu deixei de gastar, não tirei dinheiro. Segurei aproximadamente 3,6% do montante, que seria 30% de 12% das despesas discricionárias e a molecada foi usada por professores inescrupulosos para fazer manifestação política contra o governo [...].

Ainda sobre os professores, declarou nessa mesma entrevista:

[...] Nós sabemos que a juventude tem um peso muito grande nessas manifestações. Agora me desculpem, mas foram usados por esses professores. A minoria não tem o compromisso de fazer com que esses jovens sejam, lá na frente, bons profissionais, bons empregados ou bons patrões [...].

Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/eu-exagerei-diz-bolsonaro-sobre-ter-chamado-manifestantes-da-educacao-de-idiotas-uteis-23695450>

Passaremos, agora, a analisar o *corpus* sob a perspectiva da semântica global: Maingueneau (2008, p. 77) afirma que “todo o campo discursivo define certa maneira de citar os discursos anteriores do mesmo campo”. A *intertextualidade* “[...] deixa rastros por meio do intertexto, entendido como o conjunto de fragmentos efetivamente citados por um discurso” (FREITAS; SERENA, 2014, p. 71). Para a construção do discurso 2, volta-se à memória discursiva do discurso 01, “idiotas úteis” (discurso 1) tornam-se “inocentes úteis” (discurso 2). Além disso, a “minoria espertalhona” (discurso 1) é nomeada mais explicitamente no discurso seguinte: “professores inescrupulosos”.

Muitos rastros do intertexto estão presentes nos dois discursos, vários foram os pronunciamentos do atual presidente e seus aliados políticos, desde a campanha eleitoral no ano de 2018, em que se referem às universidades públicas e institutos federais e aos professores, vistos por eles como aqueles que fazem uso do sistema educacional como instrumento de lavagem cerebral e de ideologização, na difusão de conceitos doutrinários e, principalmente, na preparação de “militantes” para o Partido dos Trabalhadores (principal oposição desse governo). Como no discurso de 09 de abril de 2019, durante a abertura da 12ª Marcha dos Prefeitos em Brasília, no qual o Presidente afirmou que a educação do Brasil não pode continuar formando militantes.

Sobre o “vocabulário”, Maingueneau (2008, pp. 80-81) ressalta que a palavra, por si só, não estabelece uma unidade de análise pertinente. As unidades lexicais são utilizadas pelos enunciadores para marcar sua posição do campo discursivo. Novamente, podemos destacar o vocabulário “militante”, além de “idiotas úteis”, “imbecis”, “professores” e “universidades federais”. Essas palavras podem ter usos distintos em diferentes discursos mas, partindo de

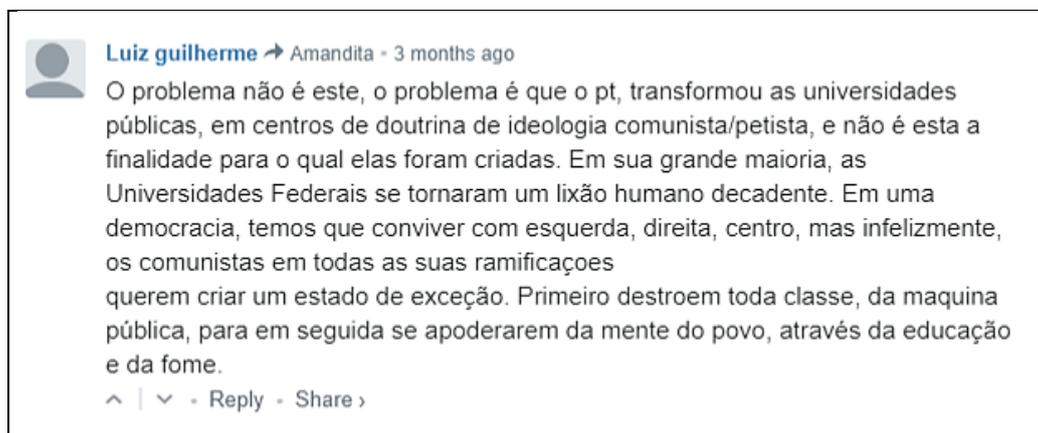
quem é o enunciador e seu posicionamento no discurso, podemos inferir, para além do valor semântico, o estatuto de signos de pertencimento. O enunciador faz escolhas lexicais para demarcar sua posição discursiva. Um político de extrema direita, que já fez uso desse mesmo vocabulário em outros discursos, carrega nessas palavras o seu posicionamento de desprezo, oposição e falta de respeito com as instituições públicas, seus professores e estudantes.

O “tema” central dos discursos de Bolsonaro é a educação pública brasileira, assunto importante para qualquer governo e população, e que tem repercutido de forma recorrente nos canais de comunicação e mídias sociais, devido ao posicionamento da atual gestão política do país em relação a essa pauta.

Dentro do campo do discurso político, o tema “educação” está classificado no que Maingueneau (2008, p. 84) chama de “tema imposto”, pois temas que dizem respeito à qualidade de vida dos cidadãos, coenunciadores do discurso, devem estar presentes na fala do enunciador político. Da forma como o assunto é abordado pelo Presidente, parece que este fala apenas para os coenunciadores que o elegeram, já que esse tipo de posicionamento discursivo, que evidencia desaprovação e acusações aos professores, estudantes e instituições educacionais públicas, vem sendo declarado desde a campanha eleitoral.

Podemos ver na figura 4 um dos fiadores do discurso do Presidente, em comentário feito no site do Correio Brasiliense, que publicou uma reportagem sobre a declaração de Bolsonaro do dia 15 de maio. Muitos são os comentários, espalhados nos mais diversos sites de notícias, favoráveis ao posicionamento do governo em relação à educação pública, comentários que muitas vezes vem carregados de intolerância e ira, legitimados por discursos com o mesmo “tom”.

Figura 4 – Comentário de um internauta sobre a declaração feita pelo do Presidente Jair Bolsonaro no dia 15 de maio de 2019.



Fonte: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_ensinosuperior/2019/05/15/ensino_ensinosuperior_interna,755113/bolsonaro-sobre-manifestacoes-em-prol-da-educacao-sao-idiotas-uteis.shtml

Outro plano discursivo é o *estatuto do enunciador e do destinatário*. Maingueneau (2008a, p. 87) destaca que “cada discurso define o *estatuto* que o enunciador deve se atribuir e o que deve atribuir a seu destinatário para legitimar o seu dizer”. Quanto ao estatuto do enunciador, temos um “eu” socialmente inscrito, o presidente de uma nação, e a “essa dimensão ‘institucional’ se acrescenta certa relação do enunciador e do destinatário com as diversas fontes

do saber; o que nos leva a dimensão intertextual” (MAINGUENEAU, 2008, p. 87).

O estatuto atribuído ao coenunciador faz com que ele construa uma imagem do enunciador, legitimando o seu dizer com base nas escolhas discursivas que foram feitas. O estatuto do enunciador, como já externado em suas escolhas intertextuais, de vocabulário e tema, reflete aquilo que ele pensa sobre as instituições públicas, os servidores dessas escolas e universidades, bem como sobre aqueles que estudam nesses educandários. Assim, percebemos que, “tanto o enunciador quanto o destinatário dispõem de um lugar e, nesse espaço, o enunciador projeta uma imagem de si no discurso a partir da qual o legitima” (FREITAS; FACIN, 2011, p. 203).

Durante o discurso, ocorre a instituição de uma *dêixis enunciativa*, que situa o ato da enunciação na categoria de espaço (topografia) e tempo (cronologia). A *dêixis* estabelece uma cena e uma cronologia que cada discurso constrói, em relação ao seu universo. A configuração da cena enunciativa legitima-se em um determinado lugar e em um determinado tempo, que podem não ser os locais e datas “em que foram produzidos os enunciados efetivos [...]” (MAINGUENEAU, 2008, p. 88).

No momento enunciativo dos discursos tem-se o espaço e o tempo bem marcados, o primeiro ocorreu no dia 15 de maio de 2019. As marcas linguísticas de temporalidade estão nos tempos verbais empregados, no primeiro discurso temos “estão sendo usados”, modo indicativo, terceira pessoa do plural, que se refere aos jovens que estão protestando por influência/doutrinação feitas pelos servidores das instituições educacionais. Quanto ao espaço temos um discurso realizado em outro país (Estados Unidos) sobre um protesto realizado por estudantes, professores e simpatizantes que acontecia no Brasil. O segundo discurso, que retoma o assunto do primeiro, aconteceu em 29 de maio de 2019, na capital brasileira, e possui verbos empregados no passado como “estavam fazendo lá”, “foi na rua” (*lá* e *na rua* referem-se às manifestações realizadas no dia 15 de maio).

Todo discurso também compreende um *modo de enunciação*, que é a especificidade da sua maneira de dizer, “através de seus enunciados, o discurso produz um espaço onde se desdobra uma ‘voz’ que lhe é própria” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 91). O enunciador se constrói discursivamente como um “tom”, “caráter” e “corporalidade” inerente. Esses elementos fazem com o que coenunciador construa a imagem do enunciador através do discurso. Ou seja, o que se diz e o *modo de dizer* daquele que enuncia, permitem ao destinatário criar uma representação, identidade discursiva, do sujeito enunciador.

Nos discursos percebemos um “tom” de ironia, revolta e ofensa contra os sujeitos e ações realizadas nos protestos contrários ao corte de investimentos na educação: “se perguntar a fórmula da água, não sabe, não sabe nada”; “são uns idiotas úteis”, “imbecis” são palavras usadas pelo enunciador para referir-se ao grupo de manifestantes.

Último plano que compõe a semântica global – o *modo de coesão*, que diz respeito às inter-relações, articulações entre os discursos. Podemos destacar a estratégia argumentativa utilizada pelo enunciador para tentar persuadir o destinatário, afirmando que os estudantes foram “usados como massa de manobra” (discurso 1), “por professores inescrupulosos” (discurso 2), em uma clara intenção de justificar as manifestações contra o governo como fruto da manipulação por parte dos professores, e não como descontentamento de um número expressivo da população com a falta de investimentos na educação pública.

Os planos constitutivos da semântica global devem ser integrados para a construção da cena enunciativa:

As restrições da semântica global não se destinam somente a analisar “ideias”. Elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu as vivências dos sujeitos. [...] O sistema de restrições define tanto uma relação com o corpo, com o outro, quanto com ideias, é o direito e o avesso do discurso, toda uma relação imaginária com o mundo (MAINGUENEAU, 2008a, pp. 96-97).

Para poder ser enunciado, todo o discurso depreende uma cena de enunciação, que precisa ser validada por sua própria enunciação. A cena englobante, a cena genérica e a cenografia são as três cenas que integram a cena da enunciação (MAINGUENEAU, 2018).

A cena englobante confere ao discurso o seu estatuto pragmático, pois diz respeito ao tipo de discurso. Os discursos analisados são do campo político, e “[...] não há política sem discurso. Este é constitutivo daquela” (CHARAUDEAU, 2018, p. 39). A cena genérica está associada a um gênero do discurso, como um editorial, por exemplo. Na nossa análise, os discursos pertencem ao gênero político, são duas entrevistas orais, proferidas por um enunciador político, que está no exercício da sua função política como Presidente da República do Brasil.

A cenografia “não é imposta pelo gênero, ela é constituída pelo próprio texto” (MAINGUENEAU, 2018, p. 75). Ela é constituída pelos enunciadores do discurso e pelos coenunciadores. Está, também, relacionada ao espaço discursivo, onde a cena discursiva está instaurada. “Em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e uma topografia (um lugar) [...]” (MAINGUENEAU, 2018, p. 77).

Temos duas situações de comunicação nas nossas amostras de análise. A primeira acontece na cidade de Dallas, Estados Unidos, onde estão presentes jornalistas. A entrevista foi amplamente divulgada através dos meios de comunicação, atingindo todos os sujeitos que se interessam e tiveram acesso ao discurso (coenunciadores). A segunda situação comunicativa aconteceu na cidade de Brasília, em entrevista ao programa Domingo Espetacular, da rede de TV Record, senso transmitida aos telespectadores e, depois, publicada em diversos sites e redes sociais, atingindo muitos coenunciadores.

O discurso político como ato de comunicação, de acordo com Charaudeau (2018) vincula-se aos atores, enunciadores, que participam da cena de comunicação política, que tem o desafio de influenciar as opiniões para conseguir adesões, rejeições ou consensos dos coenunciadores. O discurso político concentra-se em “construir imagens de atores e usar estratégias de persuasão e de sedução [...]” (CHARAUDEAU, 2018, p. 40).

Nas cenografias dos discursos selecionados, interessa-nos desvelar a imagem de si estabelecida pelo enunciador, ator político, em seu posicionamento sobre a temática abordada: “[...] o político encontra-se sempre tomado por uma dramaturgia que o obriga a construir para um personagem, certa figura que vale como imagem de si, e que faz com que a construção do *ethos* tenha características próprias” (CHARAUDEAU, 2018, p. 85). Maingueneau (2013) enfatiza que, por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador. Qual, então, é o *ethos* discursivo do sujeito político Jair Bolsonaro, a partir das cenas instauradas?

Conforme Freitas (2010, p. 180), “[...] o *ethos* liga-se ao orador, por meio, principalmente, das escolhas linguísticas feitas por ele, as quais revelam pistas acerca da imagem

do próprio orador, continuamente construída no âmbito discursivo”. Antes de discorrermos sobre o posicionamento do enunciador diante da temática educação, é importante caracterizarmos brevemente o *ethos* prévio desse conhecido personagem do campo político, para compreendermos melhor a sua identidade discursiva, pois “para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso – o que ele sabe *a priori* do locutor - e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem” (CHARAUDEAU, 2018, p. 115, grifo do autor).

Jair Bolsonaro (1955) é capitão da reserva do Exército e presidente eleito do Brasil. Filiado ao Partido Social Liberal (PSL), foi eleito o 38º presidente do Brasil, para o mandato de 2019 a 2022, com 55,13% dos votos. Entrou para a vida pública em 1988, quando elegeu-se vereador da cidade do Rio de Janeiro e, depois, atuou durante 27 anos como deputado federal. Ficou conhecido por ser um político conservador, por ter uma personalidade controversa, repleta de manifestações contra os direitos das mulheres, negros e homossexuais, e de suas visões políticas geralmente caracterizadas como populistas e de extrema-direita, que incluem a simpatia pela ditadura militar brasileira e a defesa das práticas de tortura realizadas durante esse regime.

Enquanto identidade social, temos um locutor em uma posição política que lhe garante legitimidade de ser comunicante, ele é o presidente de uma nação. Quanto à identidade discursiva, aquela que o sujeito constrói para si a partir de suas escolhas enunciativas, notamos escolhas lexicais bastante ofensivas, que podem ser resumidas no uso dos adjetivos “idiotas” e “imbecis”, para desqualificar os estudantes das escolas públicas brasileiras.

Das figuras identitárias do discurso político, agrupadas nas categorias de *ethos* de credibilidade e *ethos* de identificação, destacaremos alguns pontos. Quanto à credibilidade do sujeito político, percebemos que esta foi abalada com o anúncio do corte de verbas destinadas a um setor de fundamental importância para o desenvolvimento de qualquer sociedade: a educação, do contrário não haveria manifestações de protesto.

Com o *ethos* de credibilidade afetado, os dois discursos analisados são de “justificação”. Em ambos os discursos, o político utiliza a estratégia “uma razão superior”, quando acusa os professores de estarem manipulando os estudantes para que esses fiquem contra o governo, justificando, assim, a realização da manifestação. Conforme Charaudeau (2018, p. 136), “constata-se que o discurso de justificação não consegue restabelecer a imagem de credibilidade”.

Quanto ao *ethos* de identificação, entre os *ethé* de potência, caráter, inteligência, humanidade, de chefe e de solidariedade, reconhecemos o *ethos* de chefe como característica da imagem do enunciador, manifestado na figura de “comandante”. Essa figura é mais autoritária e agressiva do que as figuras de guia e soberano, que também podem ser manifestações desse *ethos*.

Trata-se aqui da imagem do senhor da guerra, daquele que pode ser levado a declarar guerras em suas fronteiras (ainda que apenas para desviar a atenção do povo de suas próprias misérias), a fazer declarações guerreiras contra inimigos próximos ou distantes, circunscritos a um país ou formando uma colisão mais ou menos determinada. (CHARAUDEAU, 2018, p. 159)

Declarar guerra contra professores e estudantes e cortar 30% do orçamento anual dos

institutos e universidades federais, o que deve deixar inviável o funcionamento das instituições, causando preocupações legítimas quanto a não continuidade de pesquisas e oferta de ensino público de qualidade, pode causar uma posição muito desconfortável desse líder político que joga com a imagem de chefe, pois “se ele atua como grande chefe, de modo excessivo, poderá ser recriminado em nome da soberania popular, que se encarregará de lembrá-lo de que ele é apenas um eleito do povo, a quem ele deve prestar contas [...]” (CHARAUDEAU, 2018, p. 160).

7 Considerações Finais

Para responder o problema de pesquisa de como o *ethos* discursivo se revela através do posicionamento do locutor dos discursos, procuramos realizar e descrever o exame do *ethos* discursivo, da cenografia constituída nos discursos políticos escolhidos para análise, sob a luz dos estudos da semântica global de Dominique Maingueneau (2008a), perpassando pelas categorias de intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto de enunciador e de coenunciador, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão. Também utilizamos os estudos de Charaudeau (2018) e Maingueneau (2018) sobre cenografia e *ethos*, e o uso de estratégias do discurso político para caracterizar o *ethos* do sujeito político, enunciador dos discursos analisados.

Nosso critério para a escolha do *corpus* foi selecionar discursos em que estivesse presente uma problemática emergente, que atinge diretamente pessoas de diferentes faixas etárias e níveis sociais e ideológicos. O contingenciamento de investimento na área de educação tem sido tema onipresente em muitos veículos de informação e redes sociais. O que acompanhamos através das mídias e pudemos ver na análise do *corpus* desse trabalho, são discursos severos, intolerantes, de descaso e ira do governo recém-eleito sobre esse importante setor.

Pensamos estar implícito, a quem assume a condição de representante de um país, que tenha o compromisso de dirigir-se aos cidadãos dessa nação com respeito e educação. Porém, vimos que as escolhas lexicais feitas pelo enunciador dos dois discursos visaram desqualificar os estudantes desse país, chamados por ele de “idiotas” e “imbecis”. O presidente atribuiu aos manifestantes um *ethos* de tolos e incapazes, cujos atos são influenciados por professores doutrinadores.

Desde a aprovação da Emenda Constitucional 55, de 15 de dezembro de 2016, que congelou as verbas destinadas à educação por vinte anos, esse setor vem sofrendo gradativo desmonte. Em poucos meses de governo Bolsonaro, essa situação pode atingir seu ápice. O que percebemos, pela breve contextualização das ações e discursos governamentais nesse curto tempo de mandato, é que o governo transformou o Ministério da Educação em um instrumento de perseguição aos professores e estudantes dos Institutos e Universidades Federais.

Como afirma Charaudeau (2018), a soberania popular fará cobranças e irá lembrar àquele que assume o *ethos* de chefe, que ele deve prestar contas ao povo que o elegeu. Os cortes de investimento na área da educação, que motivaram as manifestações populares, já demonstram insatisfação em forma de números: em pesquisa divulgada no dia 27 de junho de 2019 pelo CNI (Confederação Nacional da Indústria) /Ibope mostra que a insatisfação popular com as políticas educacionais subiu 10% entre os meses de abril e junho, diminuindo, assim, a aprovação do governo como um todo.

Para nós, um país que não faz pesquisa, que não produz conhecimento científico, está fadado à estagnação ou, até mesmo, ao retrocesso. E professores e estudantes jamais podem ser vistos como inimigos de uma nação.

Como todo o discurso é ideológico, em um cenário de falta de competência discursiva no campo político atual, é imprescindível interpretarmos e analisarmos os enunciados que chegam até nós, para compreendermos os sentidos que deles emergem e nos posicionarmos, utilizando argumentos bem embasados e não acusações levianas, enquanto coenunciadores e cidadãos.

Referências

- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed., 4ª reimp. São Paulo: Contexto, 2018.
- FREITAS, E. C. Linguagem na atividade de trabalho: *ethos* discursivo em editoriais de jornal interno de empresa. *Desenredo*, Passo Fundo, RS, v. 6, n. 2, pp. 137-263, jul./dez. 2010.
- FREITAS, E. C.; FACIN, D. Semântica global e os planos constitutivos do discurso: a voz feminina na literatura de Rubem Fonseca. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 7, n. 2, pp. 198-218, jul./dez. 2011.
- FREITAS, E. C.; SERENA, M. G. A cenografia no discursivo literário: enlaçamento enunciativo e *ethos* no romance *Eva Luna*. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 10, n. 1, pp. 64-91, jan./jun. 2014.
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.
- MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2 ed., 3 reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

Recebido em: 04/01/2021

Aceito em: 18/06/2021